

OPINIÃO

EDITORIAL

Planejar não é verbo que se conjuga no passado

Planejar é verbo que a administração municipal de Ribeirão Preto insiste em conjugar no futuro, mas nunca no presente. O caso dos uniformes de inverno, revelado com exclusividade pelo Jornal Ribeirão, é um retrato cristalino desse atraso crônico. Licitados tarde demais, só chegarão às escolas quando a estação já se despede, sem frio e sem sentido para as milhares de crianças que estudam na rede municipal.

Não se trata de um episódio isolado, embora, diga-se, o presente caso tenha tido origem ainda durante a gestão Duarte Nogueira, como, de resto, outros tantos problemas herdados pelo novo alcaíde. Mas não é exatamente por isso se faz transição entre os governos?. A gestão de Ricardo Silva, entretanto, acumula uma série de problemas decorrentes da mesma falha: a incapacidade de cumprir prazos e se programar para o futuro.

Licitações, como se sabe, não se resolvem em dias. São processos burocráticos, técnicos e sujeitos a questionamentos. Justamente por isso, exigem planejamento, cronogramas realistas e gestão competente. Ignorar essa lógica tem custado caro à cidade, especialmente às pessoas mais vulneráveis e dependentes do serviço público.

Chegamos ao oitavo mês de gestão sem que um grande processo licitatório tenha sido concluído. O que vemos são adiamentos, suspensões e revogações. E a cidade parada à espera desses resultados.

A ausência de planejamento resulta em serviços entregues fora de hora, obras feitas no afogadilho, contratos

prorrogados às pressas e um cotidiano de improvisos que mina a confiança do cidadão. O problema não é apenas administrativo: é político. Afinal, governar bem não significa apagar incêndios, mas evitar que eles comecem e atinjam a nossa população.

A temporada de frio acabou sem que as crianças tivessem seus uniformes, mas a partir da primavera inicia-se a temporada das chuvas. Será que algo foi feito para impedir que os mesmos pontos de sempre fiquem embaixo d´água? Ou será que veremos as cenas se repetirem, com carros e pessoas sendo arrasadas pela enxurrada nos mesmo locais de sempre.

Se Ribeirão Preto quiser se reconciliar com sua vocação de cidade pujante, precisa olhar para o futuro com seriedade. Isso significa planejar com antecedência, estabelecer prioridades e, sobretudo, respeitar prazos. A cidade não pode ser refém de uma administração que se acostumou a correr atrás do tempo perdido como uma barata tonta e cheia de problemas.

Sem planejamento, o inverno passa, a oportunidade se perde e a população continua pagando a conta.

Sem esse trabalho, manchetes como a dos uniformes, infelizmente, seguirão comuns. E a fé da nossa população na classe política será ainda mais reduzida.

Ainda há tempo para corrigir a rota e fazer diferente. Mas é preciso vontade política e uma equipe azeitada.

Teria Ricardo a capacidade de cumprir esses requisitos? Veremos nos próximos capítulos dessa jornada.

OPINIÃO DO LEITOR

A reforma administrativa proposta pelo governo Ricardo Silva padece dos mesmos problemas registrados no governo anterior. O maior deles é a falta de discussão com a sociedade.

Angelita Marcondes, Jardim Paulistano

Parabéns à chefe Helen pela sua coluna. Faltavam algumas dicas sobre culinária para deixar o jornal ainda mais saboroso!

Célia Regina Galdiano

NOVAS IDEIAS

O Poder: Um Problema

LUIS RUFINO



MARTELANDO MINHA BIGORNA AO LECIONAR HÁ QUASE TRÊS DÉCADAS, A CONSTATAÇÃO É DESOLADORA: SEJA NA FÍSICA, BIOLOGIA OU CIÊNCIAS SOCIAIS, NESSA BABEL UNIVERSITÁRIA, A PRÓPRIA ALMA DA “CIÊNCIA” PARECE AUSENTE.

Não raro, o indivíduo chafurda na prática, repetindo ritos como autômato cego. Enquanto isso, na mídia e na academia, ergue-se o novo ídolo: o “consenso científico”, bradado por seus “representantes”. Ai de quem ouse questionar! É logo rotulado de irracionalista, numa farsa abjeta. Os praticantes dominam o ‘saber-fazer’, a técnica, mas ignoram o fundamento cognitivo de suas ações. É como o motorista de caminhão que, apesar de dominar o volante, ignora a física do motor a explosão: domina a prática, mas nada sabe das causas. Essa ignorância, aqui, é epidêmica.

Quando os ‘doutores’ de plantão berram o tal consenso, eles, na sua burrice colossal, avacalham a ciência, transformando-a numa mera retórica, certos de que a verdade nasce da pura contagem de cabeças, ignorando a caçada brava e sem fim pelos verdadeiros porquês das coisas. Aristóteles, o velho estagirita, já ensinava que a opinião dos sábios, se é que são sábios, é o começo da investigação, jamais o fim.

A tragédia se aprofunda na Ciência Política. Ali, a linha entre “conceito” e “retórica” desvanece. Se almejamos compreender a cruel ciência do poder, essa distinção é vital. O conceito, é crucial entender, agarra a realidade, o nexu bruto entre coisas: é o bisturi dissecando o que o político é. Já a retórica é mero símbolo autoexplicativo, é névoa, fumaça criada para um propósito político, que encobre a verdade. É como o programa de um partido, um discurso, uma entrevista que na realidade só descreve o que o político quer ser, não o que ele é. Um espantalho!

Nessa nudez brutal da política, a compreensão de seus bastidores revela cinco níveis essenciais do discurso. O primeiro, vital, é descrever a realidade com a precisão fria de um legista, constatando aquilo que até os paralelepípedos apontam. O segundo: compreender discursos autojustificadores, a mentira que o político conta a si mesmo para agir, justificando sacrifícios pelo “bem maior”. O terceiro: o claro intento de manipular, inocular ideias nas massas, tal qual Iago envenenando a cabeça de Otelo, semeando dúvida e ciúme até que o Mourro mate Desdêmona, acreditando que foi traído. O quarto, mais sutil e perigoso: a auto-hipnose, o engodo que impulsiona a própria ação do orador, fazendo um líder crer ser um messias. E, por fim, a quinta função, o ápice da mímica: a representação de um papel, a dramatização maquiavélica, onde o político finge, mente e engana, simulando virtudes jamais possuídas, como o ‘pai do povo’ que vive no luxo.

Quase toda a prática política no país se resume a essa quinta função: “Finjo, logo existo! Minto, logo existo!”. O discurso vira estrutura do fingimento, um teatro de sombras. E é nesse brejo que estamos atolados. O Cientista Político tem como missão hercúlea parir, a fórceps, a descrição da realidade. Sem esse parto, nada, absolutamente nada, será verdadeiramente compreendido, e assim, continuaremos com a praga de nosso tempo, isto é, como loucos guiados por cegos.

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

Banca Tibiriça - R. Tibiriçá, 600

Banca do Denis - R. Otavio Golfeto, 326

Banca Saudade - Av. Saudade S/N

Banca Paulista - Av. Independência, 1680

Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

Banca Solange - Av Pres. Vargas, 25 - Esq. Av R. Nove De Julho

Banca Camões - Praça Camões S/N

Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

Banca Sete de Setembro - Praça

Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

Banca Oficce Center - Av Portugal, 1760

Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N

Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425

Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)